

# NÓS E OS OUTROS

## Os pobres frente ao mundo globalizado

*José Comblin*

No Brasil, desde janeiro deste ano (1999) sabemos o que é a globalização. Os mexicanos sabiam desde 1994. Trata-se, porém, de uma ciência incomunicável, não se transmite de um país para outro. Precisa ter feito a experiência em carne própria. Ninguém acredita na experiência dos outros.

Durante 20 anos os poderes dominantes do mundo financeiro celebraram as maravilhas da globalização. Puderam contar com a colaboração de toda a mídia mundial. Conseguiram conversões inumeráveis: inúmeros socialistas converteram-se à nova ideologia que prometeu um futuro glorioso. A globalização traria por fim todos os benefícios que os modernos tinham prometido.

Foram duas décadas de chantagem que paralisaram as faculdades críticas da humanidade: no Brasil 4 anos de discursos do governo Fernando Henrique derramaram a ideologia nas elites e nas massas. Quem não se converteu, ficou intimidado, quase que envergonhado por não ter entrado na psicose coletiva.

Estas duas décadas entrarão na história como o maior sociodrama da história da humanidade. Um pequeno grupo de financistas de Wall Street e alguns outros lugares conseguiram enganar 6 bilhões de seres humanos durante 20 anos. Nações inteiras integraram-se aos sonhos: infelizmente não somente entregaram suas mentes, mas também todos os seus bens e suas capacidades de desenvolvimento. Entregaram mais ainda: a sua liberdade.

A chantagem da globalização não foi inocente. Graças a ela, alguns acumularam riquezas inauditas e bilhões ficaram mais pobres.

Quando caiu o império soviético, a arrogância dos meios financeiros já não teve mais limites. Eles se sentiram os donos do mundo: poderiam conquistar o mundo inteiro sem encontrar nenhum obstáculo capaz de opor resistência.

A globalização não é outra coisa a não ser a conquista do mundo, conquista econômica e cultural, graças a imposição da superioridade política e militar dos Estados Unidos.

A conquista ainda não está completa. Trata-se de um processo, porém o processo progride e invade cada vez mais os últimos rincões da independência dos povos. A propaganda pela globalização é uma das armas pelas quais os Estados Unidos se impõem ao resto do mundo.

Claro está que as novas tecnologias desempenham um papel importante nesse processo. As tecnologias de comunicação permitem a multiplicação das mensagens pelo mundo inteiro de modo quase instantâneo. Os meios de transporte permitem que a indústria componha produtos feitos de milhares de peças fabricadas em dezenas de países diferentes. As novas tecnologias permitem a reprodução imediata e sem limite de bens culturais: os mesmos filmes, as mesmas canções, os mesmos ritmos, as mesmas imagens simultaneamente no

mundo inteiro. Sobretudo o primeiro bem cultural atual que é a pornografia circula instantaneamente no mundo inteiro.

Os meios de comunicação e de transporte forneceram às entidades financeiras e às multinacionais a conquista rápida do mundo. Quem tira proveito, quem usa mais as novas tecnologias, são justamente os poderes financeiros que estão majoritariamente concentrados nos Estados Unidos. E sobre os outros, os poderes econômicos dos Estados Unidos exercem uma superioridade tão grande que arrastam-nos dentro dos mesmos movimentos.

Na América Latina a globalização significa um novo colonialismo. A meados do século XX a penetração do capital estrangeiro, a instalação das primeiras multinacionais e um pequeno crescimento da dívida externa provocaram reações nacionalistas, populistas, as vezes revolucionárias. Prevaleceu a teoria da dependência, seguindo as primeiras colocações da CEPAL. Alguns intelectuais tornaram-se ilustres nessa contestação daquilo que se denunciava como um novo colonialismo procedente dos Estados Unidos.

Se comparamos a dependência daquele tempo com a dependência de hoje, há um abismo. Hoje em dia a dependência é muito maior. A dívida externa multiplicou-se por 50 ou por 100. As decisões do governo federal são tomadas pelo FMI, o governo está forçado a privatizar as empresas públicas para facilitar a sua aquisição pelo capital estrangeiro. Este compra bancos, empresas, sobretudo o que está em plena expansão como as comunicações. E a cultura norte-americana inunda o país. A penetração norte-americana é tão forte que nem se nota mais: todos estão tão acostumados que não reparam mais nela.

No entanto, a oposição é muito fraca. Todos parecem convencidos pelo argumento de que não há alternativa. O mundo entrega-se ao colonialismo quase sem resistência. Na América latina, a resistência é mínima. Alguns países, como a Argentina, tornam-se arautos da mensagem libertadora do colonialismo: a dolarização é oferecida como a salvação dos povos.

A dependência colonial, como sempre, divide as nações. Por um lado, as elites ficam cooptadas pelo sistema e integram-se nele. Tornam-se os imitadores da cultura dominante e os colaboradores dos quais as entidades financeiras e econômicas estão precisando em cada país. As elites locais encarregam-se de ampliar, consolidar e eventualmente defender os poderes colonizadores. Os governos locais estão encarregados de manter a ordem para que o sistema colonial possa funcionar sem sofrer reações nacionalistas.

A docilidade das elites tem a sua recompensa: a potência colonial confirma e consolida os privilégios dos seus fiéis colaboradores: alguns dependentes são chamados a entrarem nos quadros do sistema. Facilitam a assimilação da cultura norte-americana pelas elites de todos os países formando uma classe mundial homogênea que governa o mundo inteiro em nome da superpotência única.

As elites latino-americanas são particularmente sensíveis ao prestígio que lhes confere a integração no sistema colonial. Todos estudaram nos Estados Unidos e tornaram-se discípulos e propagandistas da ideologia que lhes foi inculcada.

Se as elites são promovidas e têm acesso ao modo de viver ocidental, as grandes majorias estão excluídas. Não têm acesso, nem terão acesso a Internet, não terão ações na Bolsa de Valores, não comprarão títulos na Bolsa de Valores de Tokyo ou de Singapura, nem sequer poderão ser operários nas novas indústrias ultra-sofisticadas. No melhor dos casos poderão ser guarda-costas ou empregadas dos privilegiados, limpadores de vidros dos seus carros, porteiros dos hotéis de grande turismo.

Para as massas o desemprego aumenta, o arrocho salarial é constante, a repressão policial é o único remédio ao crescimento da criminalidade. E as migalhas do festim dos grandes: cestas básicas, água do carro-pipa. Para os seus filhos, escolas que não ensinam nada, hospitais que não curam, aposentadorias de miséria. A fase da globalização foi paga pelo aumento da pobreza em toda a América Latina. Mesmo no Chile que seria a exceção, porque o número de pobres teria diminuído, a distância entre ricos e pobres aumentou escandalosamente.

Os pobres participam também do mundo globalizado, porém, como espectadores. Pela TV sabem tudo o que acontece no mundo no qual nunca entrarão. Aliás, a TV consola-os e os distrai: impede a inveja e o desejo de lutar contra a sociedade estabelecida.

Na América Latina, a resistência é fraca. 500 anos de submissão criaram mentalidades, hábitos, estruturas mentais e comportamentos que não favorecem a luta. Nos problemas da vida, a maioria ainda acha que a solução é o recurso a um patrão benevolente: pedir ajuda ao vereador, ao prefeito, ao deputado ou ao vigário ou ao pastor, a uma instituição estrangeira ou local. O sistema social está ainda baseado no clientelismo, mesmo em grandes cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro. A doutrina implícita é que é bom que haja ricos para que possam ajudar os pobres.

Espontaneamente os povos latino-americanos são submissos e reverenciam toda autoridade, a do vigário, a do prefeito, do patrão, do rico.

O clientelismo justifica todo e qualquer colonialismo. Se os Estados Unidos mandam capitais para o Brasil, só pode ser um benefício que merece respeito, admiração e gratidão. Antigamente o benfeitor supremo, o grande distribuidor de benefícios era o presidente da república, por intermédio dos pequenos benfeitores que são os governadores, os membros de congresso e as autoridades locais. Agora há um benfeitor mais poderoso ainda do que o presidente: é o presidente dos Estados Unidos que distribui os seus favores mediante o FMI, o Banco Mundial ou os conjuntos financeiros de Wall Street. É assim que se analisa a realidade e toda a mídia confirma esta análise.

Por isso, o tema do colonialismo tem pouca ressonância. Quem tem dinheiro, merece reverência e os Estados Unidos têm muito dinheiro e, portanto, merecem muita reverência. Também a mídia sempre apresenta os Estados Unidos com a maior admiração e os representantes do FMI chegam no Brasil como Papai Noel. São aqueles que podem derramar dinheiro no país e todos acham que receberão algumas migalhas.

## **1. O ENCOBRIMENTO DO OUTRO**

Por ocasião dos 500 anos do desembarque de Cristóvão Colombo na América em 1492, Enrique Dussel publicou em 1992 uma série de conferências sob o título de “1492: O encobrimento do outro”.

Na realidade, o encobrimento do outro continua até hoje e a recente globalização somente pode aumentar esse encobrimento.

As nações latino-americanas querem recuperar a memória dos chefes indígenas do passado que lutaram contra a conquista. Celebram Benito Juarez no México, Tupac Amaru no Peru, Atahualpa no Equador, Lautaro e Caupolican no Chile, Tibiriça em São Paulo. Mas tal culto não tem consequência alguma no comportamento para com os descendentes destes heróis. Glorificam-se os índios daquele tempo e a nação adota-os como antepassados e símbolos da nacionalidade. Porém, os índios de hoje são simplesmente encostados e, quando querem resistir, são duramente reprimidos. Está sendo glorificado o índio místico, abstrato do passado, mas é proibido evocar a memória dos índios que vivem hoje. Como se o papel dos índios consistisse em fornecer símbolos de nacionalidade e depois cortesmente desaparecer. O índio de hoje incomoda.

Para a mídia e a cultura dominante, os índios devem esconder-se. A sua presença é desagradável. Incomoda porque contraria o retrato que as elites querem dar do seu país: um país civilizado, realmente ocidental, ocupando um lugar digno no mundo globalizado, bem longe dos africanos ou dos asiáticos.

Quanto aos negros, o encobrimento é mais radical ainda. Supõe-se que a abolição jurídica da escravidão suprimiu o problema. Os heróis são os chefes brancos que tiveram a grande generosidade de emancipar os escravos. Os heróis são a princesa Isabel, Joaquim Nabuco, Castro Alves: não se cita nenhum negro. Zumbi não tem acesso à cultura mediéfica.

No Brasil que oficialmente conta com 44% de negros, a presença negra é quase nula na sociedade que se mostra e, por conseguinte, no retrato que os brasileiros se fazem a sua nação. Oficialmente celebra-se a fusão das três culturas. Uma vez que se chega na prática, na TV tudo é branco. Quando a TV mostra o carnaval de Salvador, destaca todas as mulheres brancas. Igual no Rio de Janeiro: os negros sempre na sombra e os brancos na luz.

Quantos estudantes universitários negros? Quantos professores negros? Melhor não olhar as páginas sociais do Estado de São Paulo ou dos diários locais como o Correio da Paraíba: Quantos negros? Nenhum.

Apesar da retórica oficial, o encobrimento ainda é quase total. Você, por favor, entre no aeroporto de Guarulhos ou do Galeão, ou mesmo de Salvador ou de Recife e veja quantos negros há no aeroporto! Entre no avião: se pode contar dois ou três negros, já dá para se admirar. Quantas aeromoças negras? Pessoalmente já encontrei centenas de aeromoças brancas e até agora encontrei duas negras num vôo da Varig. Pode ser coincidência, mas duvido muito que seja pura coincidência. Piloto de avião, ainda não encontrei nenhum negro, o que não quer dizer que não existe nenhum.

A política do encobrimento deu bons resultados. Índios e negros tornaram-se invisíveis.

## **2. O ENCOBRIMENTO DA IGREJA**

A Igreja teria evitado o encobrimento? Daria aos índios e aos negros todo o espaço que a sua importância demográfica, histórica ou cultural merece? Infelizmente, não parece que essa seja a situação. Tomemos um exemplo significativo: o sínodo da América reunido em Roma em 1997. Foi publicado o documento que conclui o sínodo da América, a exortação apostólica *Ecclesia in America*.

Este documento consta de 135 páginas e a matéria está distribuída em 76 números. O texto contém mais ou menos 25.000 palavras. Num texto tão breve fala-se de tudo e de todos: todos os aspectos da vida da Igreja, todas as instituições e todas as categorias que compõem o povo de Deus na América. Com essas condições pode-se esperar que os problemas e os assuntos sejam tratados a nível de suma generalidade. Em semelhantes documentos todos os grupos de católicos querem ver mencionadas as suas atividades: precisa dirigir algumas palavras para todos, ainda que seja para repetir as mesmas banalidades que se encontram invariavelmente em todos os documentos eclesiais: são as exigências da burocracia. Tudo isso é muito compreensível e faz parte das convenções sociais.

No entanto, alguns fatos chamam a atenção. Na América moram entre 120 e 140 milhões de negros. Há no território americano uns 40 milhões de indígenas que conservam as suas culturas tradicionais. A cada grupo se dedica meia página dentro do n.º 64, além de brevíssimas alusões no decorrer do texto global. Não deixa de ser um espaço limitado. Sobretudo se se leva em conta que dois números e quase três páginas são reservadas às Igrejas de rito oriental (n.º 17 e 38). Ora, os católicos de rito oriental constituem uma minoria muito modesta que nem de longe se poderia comparar com os negros ou os índios.

Sobre a história dos negros na América, história que ainda condiciona tão profundamente a situação deles na atualidade, apenas uma alusão: “A recordação dos capítulos cinzas da história da América, relativos à prática da escravidão e outras situações de discriminação social, não deve deixar de suscitar um sincero desejo de conversão que leve à reconciliação e à comunhão” (n.º 58 a). Sobre os 400 anos de escravidão da qual os negros americanos ainda não saíram na realidade apesar das leis oficiais, nada mais do que isto “os capítulos cinzas”. Como se, além disso, fossem capítulos de um passado superado! Nada mais do que isto para evocar a situação dramática dos descendentes dos escravos, ainda radicalmente marginalizados e esquecidos!

No n.º 64, dedicado aos negros e índios, a respeito dos negros, diz-se o seguinte: “Desejaria lembrar aqui que também os americanos de origem africana continuam sofrendo, em algumas zonas, preconceitos étnicos, que constituem, para eles, um sério obstáculo para encontrar a Cristo. Tendo em vista que toda pessoa, de qualquer raça e condição, foi criada por Deus à sua imagem, sejam promovidos planos concretos, em que não deve faltar a oração comunitária, que favoreçam a compreensão e a reconciliação”. Nada mais? Nada mais! Por acaso existem na América zonas em que os negros não estejam sofrendo “preconceitos étnicos”? Por acaso estão sofrendo simples “preconceitos étnicos” ou uma completa marginalização, um esquecimento total?

Não haveria por acaso diferenças culturais tão grandes entre os africanos e os ocidentais que dificilmente se lhe pode impor o mesmo esquema de cultura religiosa? Os “orientais” podem conservar os seus costumes e os seus ritos próprios. Mas os africanos que são muito mais diferentes do que os orientais, não têm o direito de ser eles também “orientais”? Por acaso seria possível evangelizar a população negra dentro das estruturas de uma Igreja tão marcadamente branca, tão ocidental de cultura? Nenhuma esperança para a pastoral negra! Terá que ser branca!

No parágrafo sobre as outras religiões presentes na América (n.º 51) não há alusão às religiões africanas. Simples esquecimento? Porém, não se esquecem dos hinduístas, budistas, muçulmanos. O esquecimento refere-se justamente por acaso aos africanos? Ou não seria encobrimento, ainda que inconsciente?

De certo modo os índios são tratados com mais atenção, mas somente um pouquinho mais. O sínodo reconhece a existência de religiões “nativas”: “A Igreja na América deve esforçar-se por incentivar o mútuo respeito e as boas relações com as religiões nativas americanas” (nº. 51 b).

No entanto, as propostas pastorais oferecidas aos índios ficam aquém das expectativas, muito aquém. “É preciso extirpar toda tentativa de marginalização” se os indígenas ainda estão sendo roubados, destruídos, mortos e se a sua presença é objeto constante de repressão: Ninguém ouviu falar de Chiapas em Roma? Ninguém se lembrou de Guatemala e das lutas dos povos indígenas desde o Chile até o México, passando por Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá? E a condição reservada ao Paraguai guarani na América do Sul?

“O que supõe, em primeiro lugar, que se devem respeitar seus territórios e os pactos com elas estabelecidos; da mesma forma, há que responder às suas legítimas necessidades sociais, sanitárias e culturais” (nº. 64 a). Infelizmente depois do “primeiro lugar” não há “segundo lugar”. Nada sobre as aspirações à autonomia das nações indígenas dentro das nações historicamente reconhecidas.

É verdade que há muito espaço para saudar Nossa Senhora de Guadalupe, “o rosto mestiço da Virgem de Guadalupe constitui desde o início, um símbolo da inculturação da evangelização, da qual foi a estrela e a guia” (nº. 70 b).

Por que o “rosto mestiço” e não o rosto *índio*. O que há de mestiço na imagem de Guadalupe?

O texto fala de “santa Maria de Guadalupe, um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada” (nº. 11 d). Estranha expressão! A evangelização é obra humana, obra dos evangelizadores. Nossa Senhora de Guadalupe seria exemplo de evangelização inculturada se tivesse sido criação dos evangelizadores, criando a figura da Guadalupana para melhor inculturar o seu evangelho. Porém, segundo a tradição local, Nossa Senhora de Guadalupe não foi uma invenção dos missionários espanhóis com o afã de inculturação, foi milagre de Deus. E os missionários ficaram longe de seguir o exemplo do milagre divino. A inculturação não veio depois e tampouco até agora ela veio e nenhum caminha de inculturação se mostra aos índios no texto final do Sínodo.

Enfim, a perspectiva oferecida aos indígenas permanece muito reduzida. Quem trabalha com os índios ficará frustrado. Quanto aos próprios índios, felizmente nem vão tomar conhecimento de que houve um sínodo em que se aludiu um pouco a eles.

É verdade que a propósito da formação dos sacerdotes nos seminários, se faz menção dos indígenas. “Particular atenção será reservada às vocações provindas entre os indígenas: ocorre proporcionar uma formação inculturada no seu ambiente. Estes candidatos para o sacerdócio, ao receberem uma adequada formação teológica e espiritual para o seu futuro ministério, não devem perder as raízes da própria cultura” (nº. 40 c).

Belo programa! Infelizmente até agora todas as tentativas nesse sentido foram condenadas. Perguntem ao sr. cardeal Echeverria do Equador, uma pessoa que certamente não será acusada de progressismo!

Então, encobrimento dos indígenas e encobrimento dos negros. Desde 1492 não se nota nenhum progresso.

### 3. A NOVA FACE DA RELIGIÃO POPULAR

Neste final de século a religião popular muda. Melhor dito: uma religião popular tradicional, nascida e cultivada na cultura rural, está declinando. Hoje em dia 80% da população brasileira mora em cidades e nos outros países latino-americanos a evolução tende para uma situação semelhante. As tradições rurais mantêm-se ainda durante alguns anos, mas influem pouco nas gerações nascidas nas cidades.

O protestantismo conheceu sobretudo na década dos 80 a passagem do pentecostalismo para o neopentecostalismo. Uma mudança semelhante ocorre hoje na Igreja católica. Aqui o grande sinal da abertura de uma nova época histórica, a chegada de um novo paradigma é a irrupção do fenômeno Marcelo Rossi em São Paulo e no Brasil inteiro, pois em poucas semanas o padre Marcelo Rossi conquistou o Brasil inteiro.

O que acontece com o padre Marcelo Rossi não é um caso particular: é a entrada de uma nova religião popular católica sem timidez e sem restrição. O fenômeno foi preparado pela Renovação carismática católica, mas esta ainda tinha muitas lembranças do passado rural e uma certa reserva no uso das técnicas de comunicação. Doravante a época dos escrúpulos passou. Algo novo está surgindo.

A mensagem de padre Marcelo Rossi responde diretamente às aspirações religiosas e à cultura do ser urbano. Pois no mundo rural, os seres humanos faziam a experiência de Deus na natureza, isto é de modo objetivo. Deus estava na frente deles, no céu estrelado, no sol, na lua, na chuva, na terra, nas árvores, nas montanhas. Deus era como objeto de contemplação: era conhecido imediatamente por todos.

Na cidade, o mundo exterior fica dessacralizado, a natureza desaparece ou se transforma em bem de consumo graças ao turismo e às saídas de final de semana: o turista não encontra a Deus na natureza: encontra-se a si próprio.

A religião não desaparece por isso, muito pelo contrário. As cidades latino-americanas conhecem uma fermentação religiosa que lembra as civilizações antigas, pré-cristãs. Porém, a experiência religiosa mudou. Agora a pessoa faz a experiência de Deus no seu coração, nos seus sentimentos, nas suas emoções religiosas. Sente a presença e o amor de Deus de modo sensível. A experiência torna-se mais intensa pela comunicação com outras experiências. Se a mesma experiência é vivida simultaneamente por milhares ou centenas de milhares de pessoas, a experiência transforma-se numa plenitude de alegria: choram, gritam, gesticulam como num orgasmo espiritual.

O padre Marcelo não permanecerá só. Terá muitos imitadores e todas as paróquias vão ter que inspirar-se nele se querem fazer sucesso. O sinal da passagem para um novo paradigma é que a Rede Vida de TV resolveu transmitir as missas de padre Marcelo: dizem que cederam ante a pressão do público. A Rede Vida tinha começado com a transmissão das missas aborrecidas que ainda se mantêm nas paróquias, mesmo após as transformações dos carismáticos. Os conservadores cederam ante a pressão do público. Sinal de que os bispos e os padres conservadores logo mais entrarão no mesmo movimento. Vão descobrir que o verdadeiro conservadorismo está no padre Marcelo apesar das aparências.

O padre Marcelo representa a perfeita inculturação na cultura urbana. De saída, adota o modo de expressão cultural básico da nova cultura urbana: o **show**. Adota o show como

meio de expressão religiosa. Os carismáticos praticavam o show de modo inconsciente e involuntário e por isso mesmo nunca formalmente, nunca como tal. Praticavam o *louvor* que era concebido como pura oração, puro contato com Jesus sem mediação de um modelo cultural humano. Ilusão, naturalmente! Nunca se prescinde de um modelo cultural. O drama da liturgia pós-Vaticano II é que não sabia bem qual era o seu modelo cultural. A missa tridentina sabia muito bem: era o modelo sacrificial do Antigo Testamento e das religiões antigas: o sacerdote oferece o sacrifício e os leigos assistem com silêncio e admiração à imolação e ao oferecimento do sacrifício.

Agora, como o padre Marcelo, a Igreja adota o show. A própria missa integra-se no show e as pessoas vêm pelo show, assistem a missa como suplemento sem saber exatamente o que é, porque o show oferece um sentido completo.

O show fala por si mesmo. Não precisa de muitas palavras: a experiência de Deus não depende das explicações, pois não é abstrata. O show é sinal, é sacramento porque é entendido imediatamente. Nota-se que todos aprendem os cantos imediatamente. Milhares de pessoas que nunca cantaram os cantos da missa paroquial, de repente aprendem e cantam. Os corpos movem-se, a emoção aflora, as lágrimas não se deixam reprimir: Jesus está aqui e me ama, me salva, me conduz com Ele a uma vida nova de puro amor. Jesus me dá saúde, paz, esperança, anula todos os problemas e apaga todos os temores.

Estamos assistindo ao começo da inculturação do catolicismo na cultura urbana. O show é a procissão de ontem. Padre Marcelo é o novo frei Damião para a cidade. No show as pessoas solitárias da civilização urbana sentem-se envolvidas numa grande comunidade, experimentam o calor da multidão de milhares de pessoas, todos irmãos e irmãs. No show está a resposta às frustrações da vida na cidade: isolamento, solidão, falta de sentido, ao aborrecimento da multidão solitária, das filas, das viagens de ônibus, em pé, do estresse no trabalho, da insegurança, do medo de perder o emprego. O show não é espetáculo: é incorporação no movimento da vida.

Nem todos sabem dirigir um show. Nem todos têm o dom. Porém, os dons não faltam e aparecem desde que se manifesta a procura. O show supõe muitas técnicas. Não se improvisa. Nada tem de espontâneo.

Além disso, o padre Marcelo inaugura a idade da TV na Igreja. É o primeiro representante da Igreja que se torna estrela de TV, comunicando-se com a quase totalidade do povo brasileiro. A mensagem dele na TV é também exatamente o que o público espera: cada um encontra nele a resposta à sua religião pessoal urbana que muitas vezes não tinha expressão: o padre Marcelo diz o que eu sabia, mas não sabia dizer, diz o que eu pensava, mas não sabia que o pensava. Depois dele virão outros padres Marcelo, talvez até mais brilhantes do que ele, mas ele terá a dignidade de ter sido o primeiro.

Padre Marcelo expressa e desperta, alimenta, fortalece a religiosidade popular urbana.

A religiosidade popular corresponde maioritariamente aquilo que os escolásticos chamavam de religião natural. A fé cristã edifica-se sobre os fundamentos de uma religião natural. Não nasce nem vive solitária, separada de toda a cultura como a tradição luterana sempre tendeu a representá-la. Antigamente a fé popular repousava no fundamento da religião cosmológica do Deus transparente no cosmos. Agora, a religião natural é a manifestação de Deus nas emoções, isto é, na subjetividade.

Os conservadores têm razão, não têm nada para temer. Pelo contrário, a nova religiosidade popular é profundamente conservadora. Vai reforçar o clericalismo e o triunfalismo. Reconstitui a figura sagrada do sacerdote com novas expressões. Todos os sacerdotes vão aproveitar a sacralização da figura de padre Marcelo, todos serão um pouco como companheiros de pe. Marcelo, da mesma família dele. E as multidões voltarão para as Igrejas. Os shows não questionam em nada nenhum aspecto do rosto tradicional na Igreja. Inclusive restauram vários elementos tradicionais que estavam em declínio: a água benta, o incenso, a procissão do Santíssimo... Nenhuma mudança nem na Igreja, nem na sociedade. A religião popular está bem guardada em mãos clericais e não cometerá nenhum deslize.

E o evangelho em tudo isso? E a evangelização? O evangelho é outra coisa. Porém, parece que já não é mais a prioridade. A prioridade é a experiência natural de Deus, a renovação do sentimento religioso, a redescoberta do prestígio sobrenatural do padre e do prestígio social da Igreja. O evangelho é outra coisa. Menciona-se com muita complacência na teoria, porém na hora da prática é outra coisa. De uma preocupação pelo evangelho estamos passando para uma preocupação pela religião natural, pela experiência religiosa.

O temor à conquista das igrejas evangélicas pentecostais gera um sentimento de urgência. “Temos que freiar esta expansão, lutar contra ela”. Como sempre para lutar contra um adversário, recorre-se às armas dele. A Igreja católica está sendo aspirada para o lado das igrejas pentecostais, sobretudo das neo-pentecostais, como a Igreja Universal que são as mais agressivas. Para lutar contra elas, usemos as armas delas. Lutando contra um inimigo, torna-se semelhante a ele.

A exortação pós-sinodal diz: “A atividade de proselitismo, que as seitas e novos grupos religiosos desenvolvem em várias regiões da América, constitui um grave obstáculo ao esforço evangelizador. A palavra “proselitismo” tem sentido negativo quando reflete um modo de conquistar adeptos não respeitador da liberdade daqueles que são atingidos por um determinada propaganda religiosa. A Igreja católica na América critica o proselitismo das seitas e, por esta mesma razão, na sua ação evangelizadora exclui o recurso a tais métodos” (nº 73a). Com a maior cara de pau!

Que as Igrejas evangélicas sejam “grave obstáculo ao esforço evangelizador” não deixa de suscitar dúvidas. Pois, em muitos setores da população pobre e marginalizada na América, os pentecostais são os únicos que evangelizam. Evangelizam e não são obstáculos à evangelização. Que o seu evangelho seja incompleto, é de se lamentar. Mas não é culpa deles que nunca receberam nenhuma formação, nenhuma ajuda ecumênica. Que evangelizam, não pode haver dúvida e a acusação que se lhes faz, é uma grave injustiça.

Agora que sejam os católicos que venham acusar outros de não respeitar a liberdade, é espantoso. O que foi que aconteceu durante 500 anos a não ser uma imposição da fé católica com todos os meios de constrangimento, inclusive a Inquisição. A lembrança do passado deveria inclinar para mais discrição. Que certas igrejas pentecostais, sobretudo as neo-pentecostais, pratiquem métodos reprováveis, está claro. Porém em muitos casos não fazem outra coisa a não ser renovar os métodos praticados pelos missionários católicos até há poucos anos atrás.

Graças a Deus muitos católicos continuam evangelizando. Grupos permanecem fiéis à orientações de Medellín e Puebla. No entanto, distanciam-se cada vez mais as duas Igrejas de que fala I. Gonzalez Faus. Como conciliar o evangelho com a nova religião popular que parece ser a nova menina dos olhos da hierarquia americana? Eis o desafio.

Poder-se-ia pensar que a nova face da religião popular seria o sinal de um diálogo entre a Igreja e os povos na sua religião. Na realidade, não há instâncias de diálogo. A nova religião popular procede de sacerdotes, será controlada pelos padres e reforçará o poder dos padres. Durante todo o século XX os padres conseguiram controlar pouco a pouco todas as manifestações do catolicismo popular, santuários, romarias, ritos, objetos religiosos, devoções. Não podem penetrar na intimidade das pessoas, mas pelo menos podem controlar as expressões exteriores. Quanto a nova religião popular, a conexão é mais forte, porque desde o início ela tem origem clerical.

#### **4. OS OUTROS SÃO OS POBRES**

Que os pobres sejam eminentemente “o outro”, foi o que repetiram incansavelmente os teólogos da libertação, especialmente Gustavo Gutierrez e Jon Sobrino. Ora, aqui também há uma evolução sensível.

O discurso eclesial está sempre ligado pelo seu passado. Não se pode deixar de usar o linguajar dos pobres. O discurso sobre os pobres está presente na exortação pós-sinodal (no. 58).

Se comparamos com os textos de Medellín ou de Puebla, o retrocesso é evidente. Em primeiro lugar a palavra opção foi substituída pela palavra amor. Não há opção preferencial, mas amor preferencial. Ora, a opção afetava toda a pastoral. Se a Igreja faz opção pelos pobres, isto significa que toda a pastoral há de ser convertida, reorientada em função da prioridade dos pobres. O amor preferencial não diz isso. De fato a pastoral preconizada pela exortação, longe de dar prioridade aos pobres, dá prioridade à recuperação do poder perdido, à reconquista do poder eclesial. Daí a insistência particular nos instrumentos de poder: os colégios e as Universidades católicas, que se dedicam essencialmente à classe rica na América latina, os meios de comunicação de massa.

Medellín e Puebla preconizavam uma Igreja mais pobres. Destacavam o tema da conversão total da Igreja para poder realizar a opção pelos pobres. Agora não se fala mais de uma conversão da Igreja, nem do sentido da pobreza da Igreja.

Puebla fala do protagonismo dos pobres, do seu papel como sujeitos da própria libertação e como questionamento da Igreja. Os pobres eram reconhecidos como evangelizadores da própria Igreja.

O n.º 58 da exortação faz dos pobres o objeto da pastoral da Igreja que se situa face a eles. O texto não vai além do assistencialismo e não se vê como a prioridade dos pobres obrigaria a Igreja a uma conversão radical dos seus métodos ou de suas estruturas. Os pobres deixam de ser “o outro” que questiona e exige mudanças de comportamento. Como “outro” o pobre fica também encoberto.

O documento pós-sinodal não foi surpresa nenhuma. Na realidade veio confirmar uma evolução que foi cada vez mais clara nas últimas décadas, sobretudo durante o presente pontificado.

Na América latina a Igreja transformou-se numa fortaleza de conservadorismo. Os restos da fase anterior (Medellín-Puebla) estão escondidos, quase despercebidos. Quando o Papa dizia que a teologia da libertação está morta, ele dizia que ela não exerce mais nenhuma

influência na Igreja da América latina. Tornou-se subterrânea. Ainda tem certo espaço no Brasil, mas isto mesmo vai desaparecer em breve.

Roma reconquistou América Latina e assim assegurou o seu futuro. Na América Latina já não há mais nenhuma contestação. As normas romanas são recebidas com submissão total. E o espaço eclesial está cada vez mais ocupado por movimentos ou instituições fundamentalistas ou integristas. Ali o movimento carismático expande-se de modo acelerado. Os movimentos mais antigos como Focolari, Schoenstatt, Neo-catecumenais crescem e se espalham. Nascem institutos integristas como os Legionários de Cristo com uma pujança tal que podemos prever que daqui a dez anos a maioria será integrista na América Latina. Somente no Brasil nascem centenas de institutos semelhantes, todos integristas. E o Opus Dei, o mestre de todos, realiza suas melhores façanhas na América Latina. América Latina fortaleza do conservadorismo onde renasce o espírito de Vaticano I !

No início do pontificado o Papa manifestou algumas vezes que estava pensando numa nova cristandade na Europa depois da queda do comunismo. Estas esperanças desapareceram depois da queda do muro de Berlim. Então apareceu que o capitalismo ocidental era muito mais perigoso do que o ateísmo comunista. Em Roma já sabem que a Europa está perdida para a Igreja. As minorias que permanecem ainda na Igreja católica, são críticas, questionam as estruturas tradicionais e toda a maneira como a Igreja está sendo conduzida.

Ao invés, na América Latina, todas as críticas desapareceram. Reina a calma total. Os católicos latino-americanos já constituem a metade dos católicos do mundo e numericamente a sua importância ainda vai crescer. Ali está doravante a força da Igreja católica. África é fraca demais e muito dependente, entregue às guerras e à instabilidade. Na Ásia os católicos são muito minoritários e não têm condições para assumirem a continuidade do poder romano. Somente América latina poderá assumir esse papel. A Igreja latino-americana está sendo preparada para esse papel. Tudo indica que as esperanças da Cúria romana não serão desmentidas. Sob os estandartes dos seus "Legionários" Cristo reinará no mundo mediante a massa católica da América Latina.

O que acontecerá com a Igreja que foi de Medellin e Puebla? Com os que escolheram uma pastoral dos índios, dos negros, dos pobres? Constituirão minorias muito discretas, pois não poderão contar com a TV, nem com a mídia em geral. Não se falará deles na mídia e por isso a maioria nem sequer saberá que tais coisas ainda existem. No entanto, continuarão nos subterrâneos com a ajuda de uma minoria de bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos, aqueles que não serão as estrelas da TV.

Justamente porque serão tão fracos, serão tolerados: não perturbarão muito os triunfos da Igreja. E uma Igreja triunfante pode dar-se ao luxo de ser mais tolerante.

Apesar de tudo isso, o evangelho deve continuar clandestinamente, como sucedeu no passado da Igreja. Durante toda a época colonial, tudo era mais difícil porque não havia tolerância nenhuma. Quem discordava era preso e enviado à Espanha ou Portugal para ser julgado, condenado à prisão ou à morte.

Voltamos à época das minorias abraâmicas como diz dom Helder. Estas minorias devem manter o fogo aceso no meio da "noite obscura". A "noite obscura" não é quando a Igreja é perseguida, mas quando é triunfante.

Até quando? Quem manterá a chama acesa? Por enquanto devemos agüentar todo o tempo necessário. Também, América Latina não pode permanecer muito isolada, como uma fortaleza bem protegida. Há movimentos de discussão e de contestação na Ásia, na Oceania, na Europa, até na África. A única Igreja que a cúria romana controla completamente é América Latina. A comunicação com outras Igrejas do mundo pode arejar a abrir horizonte novos. A noite não dura sempre. Lembremo-nos da perseguição ao franciscanismo no século XIV, da perseguição aos erasmianos no século XVI, da perseguição aos padres sociais entre 1860 e 1960. Tudo tem um fim e o evangelho, apesar de perseguido, acaba manifestando-se.